

O Nome na historiografia linguística portuguesa

Do primeiro período da linguística portuguesa ao final do séc. XIX

Carlos Assunção

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

1. De forma um tanto assistemática, Oliveira, o primeiro gramático da língua portuguesa, ocupa-se muito pouco com as classes de palavras. O nome ainda é, mesmo assim, a classe mais desenvolvida. É de assinalar, segundo Coseriu, que “mesmo nesse tratamento tão sucinto, pode notar-se o seu esforço no sentido de se libertar dos esquemas da gramática latina e de delimitar como tais as categorias gramaticais que funcionam em português. E devemos dizer que consegue traçar em poucas páginas uma gramática portuguesa em grande parte independente dos modelos latinos” (Oliveira, 2000, 50). Nesta linha de independência, Oliveira prescinde da definição de nome e restringe-se a identificar e a descrever o género e o número do nome.

João de Barros, quatro anos mais tarde, em 1540, retoma a tradição e, servindo-se de critérios morfológicos e semânticos, apresenta a seguinte definição de nome:

“NOME (segundo a difinçám dos gramáticos) é aquele que se declina per cásos sem tempo, significando sempre algũa que tenha corpo ou sem corpo: que tenha corpo, como hómem, páu, pédra; sem corpo, Gramática, çiência, doutrina” (Barros, 1971, 299).

Nas subclasses segue Prisciano (através de Nebrija). Desta forma, quanto à qualidade o nome é próprio ou comum e quanto à espécie o nome é primitivo ou derivado (Cf. Barros, 1971, 301-303). Os critérios utilizados são no primeiro caso semânticos e no segundo morfológicos. Ainda relativamente à qualidade divide o nome em nome substantivo e nome adjectivo.

Roboredo, no *Methodo Grammatical para todas as linguas*, com o objectivo de desenvolver um método gramatical generalizável, antecipando-se quarenta e um anos a Port-Royal e quatro séculos a Chomsky - aspecto que tem passado despercebido aos estudiosos da historiografia linguística - apresenta a seguinte definição de nome:

“Nome he palavra participante de Numero casual com Genero” (Roboredo, 1619, 65).

Esta concepção de nome assenta apenas em critérios morfológicos ficando os semânticos para as subclasses:

“O Substantivo se divide em Commum, & Proprio, ou Singular. Commum he o que significa hũa cousa commum a muitas singulares: como, *Cidade, Civitas: Rio, Fluvius*. Proprio, ou Singular he o que significa hũa sô cousa: como, *Lisboa, Olyssiponis: Tejo, Tagus*.” (Roboredo, 1619, 66).

Divide o nome em substantivo e adjectivo, como já tinha feito João de Barros, divisão essa que, como veremos, vai perdurar até princípios do séc.XIX.

Para sistematizar, apresentamos o quadro:

	CRITÉRIO SEMÂNTICO	CRITÉRIO MORFOLÓGICO
OLIVEIRA, 1536	-	-
BARROS, 1540	+	+
ROBOREDO, 1619	-	+

No séc. XVIII o estudo desta classe gramatical foi desenvolvido por cerca de uma meia centena de gramáticos. Do confronto das várias definições avançadas, que muito têm em comum com as da antiguidade greco-latina, decidimos seleccionar os autores já referidos na primeira parte desta lição.

A definição de nome assenta essencialmente no critério semântico e no critério semântico e morfológico seguindo Dionísio, Donato, Carísio, Diomedes (critérios semântico e morfológico), Consêncio e Prisciano (semântico). Os gramáticos setecentistas não se afastam muito. Para Contador de Argote “Nome he huma palavra, que significa alguma cousa; tem números; e se declina por casos” (1725, 2). Esta definição é semântica e morfológica. Casimiro, ao definir o nome como “ huma voz cujos casos, e declinações se conhecem por meio do artigo e da preposição” (1792, 2) segue o critério morfológico. Reis Lobato, Fonseca e Figueiredo inserem as suas definições na linha semântica:

“Nome he huma voz, com que se nomeão as cousas, e suas qualidades, assim como *Esmeralda*, que significa huma cousa; e *Verde*, que desta cousa, ou de outra semelhante significa a qualidade de ter a cor verde.” (Lobato, 1770, 9)

“Nome he huma voz, ou dicção, que se apropria a cada pessoa, ou cousa para a dar a conhecer, e differença de outra.” (Fonseca, 1799, 3)

“O Nome he a palavra, com que significamos alguma cousa, ou sua qualidade, como: *Homem, Prudente*”. (Figueiredo, 1779, 6)

Estes dados permitem-nos concluir que os gramáticos setecentistas não dão atenção de maior às definições e às suas classificações. As suas obras têm uma visão eminentemente assente no *usus*, na prática. Por isso há falta de coerência interna concernentemente às definições e às suas classificações. Sistematizando, temos:

	CRITÉRIO SEMÂNTICO	CRITÉRIO MORFOLÓGICO
ARGOTE, 1725	+	+
LOBATO, 1771	+	-
CASIMIRO, 1792	-	+
FONSECA, 1799	+	-
FIGUEIREDO, 1799	+	-

Em relação aos autores do séc. XIX que seleccionámos, a metodologia utilizada será muito idêntica à que utilizámos para os gramáticos do século anterior. Desta forma procedeu-se, numa primeira fase, ao levantamento de todas as definições de Nome/ Substantivo, procurando, posteriormente, anotar algumas das conclusões a que é possível chegar:

“Chamão-se Nomes aquelas palavras com que se nomeão as coizas que existem, ou que se supõem existir.” (Souza, 1804, 31);

“Nomes são palavras, com que indicamos as coisas, que existem por si, (...) ou as qualidades, que representamos como existindo sobre si.” (Silva, 1806, 18);

“O Nome Substantivo he huma palavra que exprime hum objecto físico, ou metafísico.” (Ferreira, 1819, 10);

“O Substantivo é o nome das pessoas ou das coisas.” (Aulete, 1874, 16);

“Os substantivos são pois os nomes das substancias, isto é, os nomes adoptados para designarem as substancias, e por substancias entendem-se as pessoas, os animaes, os seres, e geralmente todos os objectos existentes no universo ou na imaginação, e que podemos ver, tocar, provar, cheirar, ouvir ou comprehender.(...) Todo o nome antes do qual se pôde empregar *um, uma, o, a, os, as*, é substantivo. (...) Conhece-se tambem que uma palavra é substantivo, quando se lhe pôde attribuir uma boa ou má qualidade.” (Azevedo, 1880, 21);

“Chamão-se nomes substantivos (ou simplesmente substantivos): as palavras com que se nomeião os seres (...)as palavras com que se nomeião as acções, qualidades e estados, quando se considerão separados dos objectos a que pertencem.” (Epiphanio, 1888, 12);

“Substantivo é uma palavra variavel com que se nomeam as substancias reaes ou fictícias.” (Leite, 1882, 12);

“Chama-se SUBSTANTIVO ou NOME SUBSTANTIVO toda a palavra que empregamos como nome (proprio ou commum) de pessoa ou coisa.” (Coelho, 1891, 6).

Os critérios utilizados foram:

	Crítério Semântico	Crítério Morfológico	Crítério Sintáctico
SOUZA, 1804	+	-	-
SILVA, 1806	+	-	-
FERREIRA, 1819	+	-	-
AULETE, 1874	+	-	-
AZEVEDO, 1880	+	-	+
EPIPHANIO, 1881	+	-	-
LEITE, 1882	+	+	-
COELHO, 1891	+	+	-

Como pode verificar-se, os autores oitocentistas utilizam um critério semântico na definição de Nome, não obstante, observarmos que dois dos gramáticos estudados apresentam também um critério morfológico ao definir o conceito de nome ou substantivo (Leite, 1882 e Adolfo Coelho, 1891), o que já tinha sido apresentado por Contador de Argote e Casimiro. Esta tradição é retomada na década de 70 do séc. XIX.

Verifica-se, igualmente, que em Azevedo, 1880, foram, pela primeira vez, utilizados critérios sintáticos na definição de Nome, situação que só um século mais tarde se verificou novamente. Constata-se também, que Leite, 1882, e Coelho, 1891, utilizam simultaneamente os critérios semânticos e morfológicos na sua definição.

1.1. Subclasses do Nome na linguística portuguesa de setecentos e de oitocentos

Apresentaremos, agora, as diversas subclasses da classe *Nome*. Gostaríamos de fazer uma análise da forma como cada uma dessas subclasses é tratada nas gramáticas em análise, com especial incidência na evolução das várias classificações apresentadas; no entanto tal não é possível num estudo desta natureza. Limitar-nos-emos a abordar, numa perspectiva diacrónica, as classificações elaboradas por estes treze gramáticos. Em seguida, e a propósito dessas classificações, faremos algumas observações procurando realçar os aspectos que nos parecem mais pertinentes.

ARGOTE, 1725:

O Nome pode ser:

1. Nome Proprio
2. Nome Appellativo
3. Nome Collectivo
4. Nome Substantivo
5. Nome Adjectivo
6. Nome Relativo
7. Nome Infinito
8. Nome Patrio
9. Nome Nacional
10. Nomes Partitivos
11. Nomes Numerais: 11.1. Cardinais
11.2. Ordinais
12. Nomes Positivos
13. Nomes Comparativos
14. Nomes superlativos

As várias subclasses vão sendo, ao longo do diálogo entre o mestre e o discípulo, enunciadas por agrupamentos tal como aqui surgem, sem, no entanto, se estabelecerem relações e interdependências entre as mesmas. Era outro

certamente o objectivo deste gramático, o que acontece também com os seguintes. Repare-se que, na apresentação das várias subclasses do Nome, Contador de Argote não divide as que dependem do Nome Substantivo das que se inserem no Nome Adjectivo. Quando, por exemplo, fala dos Nomes Positivos, Comparativos e Superlativos, refere-se apenas aos Nomes Adjectivos, não estabelecendo explicitamente uma classificação que faça depender aqueles nomes destes (Argote, 1725, 30-33). Por outro lado, verifica-se a utilização um pouco indiscriminada de critérios de classificação. Em 1, 2 e 3, 8 e 9, 10 e 11, 12, 13 e 14 recorre-se ao critério semântico (com a particularidade de em 13 ocorrer o critério semântico de finalidade); em 4 e 5, 6 e 7 o gramático utiliza o critério morfológico.

Tal como refere Gómez Asencio (1985, 14), parece-nos que não há propriamente a preocupação de construir uma classificação no sentido em que hoje entendemos este termo, mas apenas uma enumeração das subclasses do Nome. Isto é, a elaboração de uma lista não sistematizada em que cada subclasse não tem nenhuma relação com as demais subclasses (não havendo, por isso, oposição entre elas). Cada subclasse apenas se relaciona com a classe geral na qual aparece integrada.

LOBATO, 1770:

1. Nomes Substantivos
2. Nomes Adjectivos

1. Os Nomes substantivos dividem-se em:

- 1.1 Proprios
- 1.2. Appellativos: 1.2.1. Collectivos
1.2.2. Augmentativos
1.2.3. Diminutivos

2. Os Nomes Adjectivos dividem-se em:

- 2.1. Pronome
- 2.2. Particípio
- 2.3. Partitivo
- 2.4. Numeral: 2.4.1. Cardeal
2.4.2. Ordinal
- 2.5. Pátrio

2.6. Gentílico

2.7. Positivo

2.8. Comparativo

2.9. Superlativo

Contra (ou aparentemente contra) a nossa anterior interpretação, segundo a qual estes gramáticos não estavam a pensar em classificações tal como nós hoje as entendemos, mas em enumerações, surge o facto de cada um deles (e neste ponto Reis Lobato é um primeiro exemplo) apresentar um novo modelo classificatório em que depara com novos elementos (como, neste caso, Pronome, Particípio e Gentílico) e/ou os mesmos elementos colocados em diferentes posições, criando novas organizações.

Ainda segundo Gómez Asencio:

“Esto podría ser síntoma de la preocupación por corregir las clasificaciones anteriores y por elaborar una clasificación (en sentido actual) nueva, más adecuada, no una enumeración en la que el lugar ocupado por los elementos no es pertinente” (1985, 14).

Há, porém, princípios básicos de elaboração de uma classificação que nem sempre são respeitados. Por exemplo, na subdivisão dos Substantivos Appellativos, Reis Lobato recorre ao critério semântico para definir os Collectivos; e para a definição dos Augmentativos e Diminutivos, além desse critério, serve-se também do formal (Lobato, 1770, 10-11). Para além da já esperada divisão em Substantivos e Adjectivos, apresenta uma dos Substantivos em Próprios e Appellativos, que, por sua vez, se subdividem em Collectivos, Augmentativos e Diminutivos. A propósito da subclasse dos Collectivos, temos que realçar a actualidade da classificação.

Como vimos, Contador de Argote não se importa com as subclasses do Adjectivo; para ele as subclasses Pátrio, Partitivo, Numeral, Positivo, Comparativo e Superlativo pertenciam directamente à classe dos Nomes. Lobato reestrutura esta classificação e faz com que estas subclasses dependam do Adjectivo (que é, ele próprio, uma subclasse do Nome).

CASIMIRO, 1792:

1. Nomes Substantivos
2. Nomes Adjectivos

1. Os Nomes substantivos dividem-se em:

- 1.1. Proprio
- 1.2. Appellativo
- 1.3. Collectivo

2. Os Nomes Adjectivos dividem-se em:

- 2.1. Gentílico
- 2.2. Pátrio
- 2.3. Pronome
- 2.4. Positivo
- 2.5. Comparativo
- 2.6. Superlativo

Casimiro mantém, de um modo geral, a estrutura de Lobato; numa primeira classificação distingue Nomes Substantivos de Nomes Adjectivos e posteriormente enumera algumas subclasses de cada um deles. Constatamos, pois, que, em relação ao gramático precedente, as subclasses propostas são praticamente as mesmas, mas aparecem redistribuídas como se, efectivamente, Casimiro fosse movido por uma vontade de melhorar a(s) classificação(ões) anterior(es). Uma dessas redistribuições refere-se precisamente à subclasse dos Colectivos. Em relação à classificação de Reis Lobato, os colectivos deixam de ser uma subclasse dos apelativos (comuns) e passam a depender directamente dos nomes substantivos (Casimiro, 1792, 2). Quanto às subclasses do nome adjectivo, Casimiro não considera o participio, o partitivo e o numeral (Casimiro, 1792, 2).

FONSECA, 1799:

1. Nome Substantivo: Commum (ou Appellativo)
Proprio
2. Nome Adjectivo
(Adjectivo substantivado)
3. Nomes Numeraes.

- 1.1. Nomes Primitivos
- 1.2. Nomes Derivados:
 - Gentilicos ou Nacionais
 - Patronimicos
 - Aumentativos
 - Diminutivos
- 1.3. Nomes Collectivos:
 - Gerais
 - Partitivos
- 1.4. Nomes Verbais
- 1.5. Nomes Compostos
- 2.1. Três espécies de Adjectivos:
 - Positivo
 - Comparativo:
 - Superioridade
 - Inferioridade
 - Igualdade
 - Superlativo:
 - Absoluto
 - Relativo
- 3.1. Nomes Numeraes.
 - 3.1.1. Se Adjectivos:
 - Absolutos ou Cardeaes
 - Ordinaes
 - 3.1.2. Se substantivos:
 - Collectivos
 - Partitivos ou Distributivos
 - 3.1.3. Se Substantivos ou Adjectivos:
 - Proporcionais ou Aumentativos.
 - 3.1.4. Nomes Numerais de Repetição

Trata-se de uma classificação extensa que apresenta várias subclasses do Nome. Além das já habituais subclasses Nome Substantivo e Nome Adjectivo, faz depender directamente da classe geral – Nome – as subclasses Primitivos, Derivados, Colectivos, Verbais, Compostos e Numerais. Estas subclasses estão totalmente afastadas ou separadas do Nome Substantivo e do Nome Adjectivo. Pode dizer-se que um determinado vocábulo é um Nome Primitivo ou um Nome

Verbal sem se saber se é um Nome Adjectivo ou Substantivo. Estas subclasses são, assim, concebidas sem que entre elas se estabeleça qualquer relação. Por exemplo, os Colectivos, que em Lobato eram uma subclasse dos Substantivos Apelativos e em Casimiro uma subclasse dos Nomes Substantivos, passam a ser considerados uma subclasse directa do Nome (Fonseca, 1799, 4), alterando-se, assim, as relações estabelecidas nas classificações anteriores.

Utiliza diferentes critérios dentro da mesma classificação, o que revela independentismo relativamente aos gramáticos antecessores. A título de exemplo: na classificação, Nomes Primitivos e Derivados são definidos de acordo com um critério morfológico; Gentilicos e Patronimicos segundo um critério semântico e, por fim, na definição de Aumentativos e Diminutivos ocorrem, em simultâneo, ambos os critérios – o semântico e o morfológico (Fonseca, 1799, 21-23).

Os Verbais são definidos do seguinte modo: “os que se derivam dos verbos.” (Fonseca, 1799, 27). Constituem uma outra subclasse independente dos Nomes Derivados, dos quais é dada a seguinte definição: “Derivados são os que se formam dos primitivos.” (Fonseca, 1799, 22).

Como méritos essenciais desta classificação há a referir o facto de desenvolver muito bem os sentidos correntes no uso dos Nomes Aumentativos e Diminutivos e a descrição, bastante pormenorizada, das “três espécies de Adjectivos” (Fonseca, 1799, 29). Além disso, apresenta, entre outros, um aspecto inovador, pois é o único gramático a referir, na sua classificação de Nomes, os Nomes Compostos, definindo-os como:

“os nomes, que se compõem de duas palavras Portuguezas, inteiras, ou com alguma mudança.” (Fonseca, 1799, 27).

FIGUEIREDO, 1799

1. Nome Substantivo:

1.1. Proprio

1.2. Appellativo:

1.2.1. Collective

1.2.2. Augmentativo

1.2.3. Diminutivo

2. Nome Adjectivo:

2.1. Adjectivo (propriamente dito):

2.1.1. Partitivos

2.1.2. Possessivos

2.1.3. Numeraes:

2.1.3.1. Cardinal

2.1.3.2. Ordinal

2.1.4. Patrios

2.1.5. Gentílicos

2.1.6. Positivos

2.1.7. Comparativos

2.1.8. Superlativos

2.2. Pronome

2.3. Participio

A propósito das subclasses do Substantivo, Figueiredo retoma na íntegra a classificação apresentada por Reis Lobato. Quando subdivide os Nomes Adjectivos em “Adjectivo” (propriamente dito), “Pronome” e “Participio”, Figueiredo afirma que “estas são as tres propriedades da substancia, que vem a ser: qualidade, pessoa e acção” (Figueiredo, 1799, 12). Acrescenta ainda que dos participípios tratará depois dos verbos, argumentando para o efeito que esse é “o lugar proprio” e baseia-se na tradição ao afirmar: “[...] que lhe assignam quasi todos os Grammaticos.” (Figueiredo, 1799, 4). Numa leitura mais atenta, podemos ver aqui, mais uma vez, a influência clara de Reis Lobato que já seguira este método - colocar o pronome e o participio como subclasses do nome adjectivo.

Vejamos, agora, as diversas subclasses ou “castas” da classe *Nome* nos diversos autores oitocentistas.

SOUZA, 1804:

1. Nome

1.1 Nomes Proprios;

1.2 Nomes Appellativos;

1.2.1 Coletivos;

1.2.2 Augmentativos;

1.2.3 Diminutivos;

1.3 - Nomes Abstractos

SILVA, 1806

1. Nome

- 1.1 Abstractos;
- 1.2 Individuaes;
- 1.3 Communs (geraes);

FERREIRA, 1819:

1. Nome:

1.1 Nome Substantivo:

- 1.1.1 Proprio
- 1.1.2 Commum ou appellativo
- 1.1.3 Diminutivo
- 1.1.4 Augmentativo
- 1.1.5 Collectivo
- 1.1.6 Partitivo

Além destas subclasses, o autor ainda apresenta uma subdivisão em:
especie, genero e genero supremo.

1.2 Nome Adjectivo:

- 1.2.1 Fisicos;
 - 1.2.2 Metafisicos;
- Estes subdividem-se em:
- Nominaes;
 - Verbaes;
 - Possessivos;

- Demonstrativos

- Numeraes {
Cardinaes
Ordinaes
Collectivos
Destributivos
Proporcionaes

AULETE, 1874:

1. Substantivo:

1.1 Proprios;

1.2 Communs;

1.2.1 Collectivos.

AZEVEDO, 1880:

1. Nome/ substantivo

1.1 Proprios

1.2 Communs ou Appellativos;

1.2.1 Universais ou Analogicos;

Estes subdividem-se:

- Physicos;

- Moraes;

1.2.2 Parciaes ou Abstractos;

1.2.3 Collectivos

Estes subdividem-se:

- Geraes;

- Proporcionaes;

- Partitivos {
Definidos;
Indefinidos

- 2. Substantivos Primitivos;
- 3. Substantivos Derivados;
 - 3.1 Gentilicos ou Nacionaes;
 - 3.2 Patronymicos
 - 3.3 Augmentativos;
 - 3.4 Diminutivos;
 - 3.5 Verbaes;
 - 3.6 Compostos.

EPIPHANIO, 1881:

- 1. Substantivos
 - 1.1 Concretos
 - 1.1.1 Proprios
 - 1.1.2 Appellativos ou communs
 - 1.1.3 Collectivos
 - 1.2 Abstractos

LEITE, 1882:

- 1. Substantivos
 - 1.1 Proprios
 - 1.2 Communs

Quanto à origem, forma e significação

- 1. Collectivos
 - 1.1 Geraes
 - 1.1.1 Indeterminados
 - 1.1.2 Determinados
 - 1.2 Partitivos
 - 1.2.1 Distributivos
 - 1.2.2 Proporcionais

2. Abstractos

3. Primitivos

4. Derivados

4.1 Augmentativos

4.2 Diminutivos

4.3 Appellativos Verbaes

5. Compostos

COELHO, 1891:

1. Substantivos / Nomes substantivos:

1.1 Proprios

1.2 Communs

1.3 "... nomes de acções, estados, qualidades das pessoas ou das coisas que subsistem por si..." (Abstractos)

Assim, podemos afirmar que, embora estas propostas sejam diferentes, é possível encontrar pontos comuns entre as mesmas, sendo a semelhança entre algumas inegável. Atenda-se, contudo, a que a similitude entre determinadas classificações propostas não obedeceu a uma ordem cronológica, pelo que a classificações mais simples se seguiram, muitas vezes, classificações eminentemente mais complexas.

Por esta razão, e atendendo às características de cada proposta apresentada, optámos por nos ocupar, inicialmente, das classificações menos complexas, dado serem estas que mais têm em comum, formando um grupo mais homogéneo; e, num segundo momento, trataremos aquelas que se nos afiguram mais complexas e, consequentemente, detentoras de um maior número de particularidades/ especificidades.

Deste modo, o primeiro grupo será constituído pelas classificações propostas por: Souza, 1804; Silva, 1806; Aulete, 1874; Epiphany, 1881 e Coelho 1891. Enquanto que num segundo grupo integraremos as propostas de: Ferreira, 1819; Azevedo, 1880 e Leite, 1882.

Se atendermos cuidadosamente aos esquemas das divisões classificatórias do Nome integradas naquele que denominámos grupo um, facilmente concluímos que estas são as que mais se aproximam da proposta de Celso Cunha e Lindley Cintra, isto é, são classificações mais próximas das propostas pelos gramáticos modernos. Fundamentamos esta afirmação com base numa citação de José Gómez Asencio, segundo o qual “En una clasificación propriamente dicha: (i) debe usarse un solo criterio clasificatorio; (ii) los términos incluidos en ella, definidos por un mismo criterio, deben ser mutuamente excluyentes; (iii) dichos términos deben entrar, en algún sentido, en oposición entre sí.” (Asencio, 1985, 14).

Efectivamente, todas estas propostas contemplam uma só classificação, sendo cada uma das subclasses apresentadas definida mediante um único critério (neste caso, o critério semântico) e estabelecendo-se entre as mesmas uma relação de exclusão ou oposição.

Ainda que estas propostas sejam bastante semelhantes é possível encontrar entre elas diferenças significativas; assim, verificamos que nem todos os gramáticos reconhecem a existência de Nomes / Substantivos Colectivos, como é o caso de Silva, 1806 e Coelho, 1891; Aulete, 1874, não contempla na sua proposta os Substantivos Abstractos. Paralelamente, é frequente que os mesmos elementos sejam considerados por alguns gramáticos subclasses autónomas, enquanto em outras propostas serão tratados como subdivisões de uma determinada subclasse. Esta situação verifica-se, por exemplo, no tratamento dado aos Nomes / Substantivos Colectivos, que só em Sousa, 1804, e Aulete, 1874, surgem como elementos integrados nos Nomes / Substantivos Apellativos ou Communs. Este facto aproxima estes dois gramáticos de Cunha e Cintra, 1984, cuja proposta contempla a mesma subdivisão.

Importantes também parecem-nos outras duas situações: o facto de apenas Sousa, o primeiro gramático oitocentista seleccionado, incluir na sua classificação os Nomes Aumentativos e Diminutivos, hoje considerados graus dos Substantivos; bem como o de Epiphanyo, 1881, ser o único gramático a proceder à distinção entre Substantivos Concretos e Abstractos, algo que só verificámos na proposta de Cunha e Cintra, 1984.

No que concerne ao segundo grupo, ocupar-nos-emos individualmente de cada uma das propostas destes gramáticos, dado que as diferenças entre as mesmas são significativas. Não deixaremos, contudo, de estabelecer paralelos entre estas classificações, sempre que tal seja possível e nos pareça necessário.

Deste modo, começaremos pela classificação proposta por Ferreira, 1819. Esta resulta particularmente interessante na medida em que é a única que

subdivide a classe do Nome em Nome Substantivo e Nome Adjectivo, sendo, por isso, a que mais de perto segue a tradição. Para além desta subdivisão, o gramático apresenta ainda uma outra, de influência aristotélica, em *especie, genero e genero supremo*. Dada a especificidade desta proposta, que surge quase que deslocada cronologicamente, revela-se extremamente difícil compará-la com as restantes propostas. No entanto, é inegável que no que concerne aos elementos contemplados dentro da subclasse Nome Substantivo não detectamos, neste ponto, diferenças substanciais em relação aos outros gramáticos.

Ocupando-nos agora das propostas de Azevedo, 1880, e Leite, 1882, verificamos que cada um destes gramáticos apresenta não uma, mas duas classificações, afastando-se, assim, da noção de classificação, tal como ela é entendida actualmente. Segundo Asencio, “lo más probable es que estos autores no pensaran propiamente [como já atrás aludimos] en *clasificaciones*, (...) sino más bien en *enumeraciones* de las subclases, listas no sistematizadas en las cuales cada subclase no tiene ninguna relación con las demás subclases y sí solo con la clase en que está integrada” (Asencio, 1985,14).

Efectivamente, a inconsistência das classificações propostas por Azevedo e Leite resulta da utilização conjunta de diferentes critérios classificatórios na definição das subclases apresentadas, neste caso do critério semântico e do critério morfológico. Permite-se, deste modo, a integração de cada uma das subclases na classe geral, mas inviabiliza-se, em alguns casos, a necessária relação de exclusão ou oposição entre alguns dos elementos contemplados nestas classificações.

1.1. Nomes substantivos e adjectivos e sua separação

Desde a primeira gramática da civilização ocidental até ao início do séc.XIX, o nome subdividia-se em substantivo e adjectivo. Para não nos alongarmos em demasia, abordaremos de forma muito sucinta, a classe do Nome na sua subdivisão em Nomes Substantivos e Nomes Adjectivos em cinco gramáticos setecentistas.

ARGOTE, 1725:

Contador de Argote, ao enunciar as “castas” de palavras da língua portuguesa, não distingue, como nós o fazemos hoje, o substantivo do adjectivo. Pelo contrário, respeitando a tradição, inclui o substantivo e o adjectivo na mesma “casta” de palavras – o Nome. Além disso quando aborda as “castas, e diversidades dos nomes” (Capítulo II), só depois de referir a classificação dos nomes

em “Proprios”, “appellativos” e “collectivos”, faz a distinção entre Nome Substantivo e Nome Adjectivo, definindo-os do seguinte modo:

“Nome Substantivo he aquelle, que per si só sem ajuda de outrem pode estar na Oração.” (Argote, 1725, 21).

“Nome Adjectivo he aquelle, que não pode estar na Oração sem outro nome, ou clara, ou occultamente.” (Argote, 1725, 21).

Depois da apresentação de exemplos, conclui:

“o Adjectivo tem claro o Substantivo, de quem depende, e necessita.” (Argote, 1725, 22).

Repare-se que a distinção entre estas duas Classes de Nome é feita tendo em conta um critério sintáctico (intra-oracional). Pensamos também que já se encontra nas palavras de Contador de Argote, ainda que de forma implícita, a noção de regência.

LOBATO, 1770.

Embora acrescente uma classe de palavras em relação a Argote, Reis Lobato também inclui o substantivo e o adjectivo na mesma classe, isto é, fá-los depender directamente do nome. Deste modo, o Nome também se divide em duas subclasse: o Substantivo e o Adjectivo.

“Substantivo he aquelle, que por si só, isto he, sem dependencia do Adjectivo, significa completamente huma cousa, assim como *Ceo, Terra*.” (Lobato, 1770, 10).

“O Nome Adjectivo he aquelle, que significa a qualidade da cousa, que significa o Nome substantivo; pelo que delle depende para fazer sentido completo.” (Lobato, 1770, 11).

Reis Lobato conjuga nesta distinção entre Nome substantivo e Nome adjectivo os critérios semântico (quando afirma que o Substantivo tem significado por si só, ao contrário do Adjectivo) e sintáctico (na medida em que realça a dependência do Adjectivo em relação ao Substantivo).

CASIMIRO, 1792.

Para este gramático do final do século também o Substantivo e o Adjectivo não são considerados classes autónomas. Eles pertencem à classe dos Nomes:

“Todo o nome ou he Substantivo, ou Adjectivo.” (Casimiro, 1792, 2).

Casimiro ao definir Substantivo e Adjectivo serve-se apenas do critério semântico:

“Substantivo he aquelle, que significa completamente huma cousa, ou pessoa.” (Casimiro, 1792, 2).

“Adjectivo he aquelle, que significa a qualidade das cousas.” (Casimiro, 1792, 2).

FONSECA, 1799.

É de forma peremptória que este gramático inclui o substantivo e o adjectivo na classe dos nomes, ao afirmar:

“[Nome] divide-se em Substantivo, e Adjectivo.” (Fonseca, 1799, 5).

Fonseca serve-se, para distinguir estas duas subclasses do Nome, dos critérios semântico e sintáctico. As definições, que apresenta de Nome Substantivo e de Nome Adjectivo, são muito completas:

“Nome Substantivo he o que significa alguma substancia corporea, ou espiritual, e que por si só póde subsistir na oração sem dependencia de outra palavra, que o qualifique.” (Fonseca, 1799, 5).

“Nome Adjectivo he o que se ajunta ao substantivo para denotar a sua qualidade.” (Fonseca, 1799, 5).

FIGUEIREDO, 1799.

Pedro José de Figueiredo mantém a inclusão do Substantivo e do Adjectivo na classe do Nome. Deste modo, afirma,

“O Nome ou he Substantivo, ou Adjectivo.” (Figueiredo, 1799, 6).

Apresenta de imediato a definição de cada uma destas subclasses, dizendo:

“Substantivo he o que mostra, ou representa a cousa em si, isto he, a substancia, e por isso póde estar na Oração sem o Adjectivo, como: *Homem, Leão*. (Figueiredo, 1799, 6).

“O Adjectivo he o que descobre as circumstancias da cousa, isto he, as propriedades annexas á substancia, ou que se lhe podem attribuir, e por isso não póde estar sem o Substantivo claro, ou occulto, como: *Robusto, Feróz*; e assim faremos unindo lhes os Substantivos: *Homem robusto, Leão feróz*.” (Figueiredo, 1799, 6-7).

Mantém-se, nestas definições, o uso dos dois critérios já anteriormente referidos, isto é, o critério semântico e o sintáctico.

Em síntese, podemos dizer que substantivos e adjectivos são para estes gramáticos subclasses de uma classe de palavras superior que as integra: o nome. Os substantivos são preferentemente definidos por critérios semânticos (extra-oracionais) enquanto que os adjectivos por critérios semântico-sintácticos (intra-oracionais). Em 1804, Manuel Dias de Sousa opera, definitivamente, a separação nome/adjectivo.

2. Conclusões

Numa leitura reportada ao conjunto das classificações expostas, podemos concluir que, ao lado das classificações consistentes, as que seguem um só critério classificatório, se encontram algumas que podemos apelidar de inconsistentes, por recorrerem a diferentes critérios de classificação. Neste último caso, a busca de coerência interna não constitui o escopo dos gramáticos, já que o desejo de agrupar os fenómenos gramaticais se sobrepõe à preocupação de construir verdadeiros sistemas classificatórios. Em relação à dimensão dos modelos de classificação, predominam os sistemas alargados, o que equivale a dizer que a maioria dos gramáticos assimila a tradição gramatical latina, preterindo a herança filosófica grega. Outra ilação que sobressai do cotejo das classificações é que existe um elo de ligação entre si, pois cada um dos gramáticos implicado recorre a elementos ou subclasses que figuravam na classificação do seu predecessor, o que se traduz por uma aceitação da herança gramatical. No entanto, a redistribuição das várias subclasses, levada a cabo por cada um dos autores que constituem objecto deste estudo, revela-nos que não se trata de uma aceitação acrítica, mas sim de uma reformulação constante no sentido de aperfeiçoar as classificações anteriores. Como resultado desta recolocação dos diferentes elementos e do acréscimo ou supressão de outros, vão surgindo novas relações entre as várias subclasses, o que, por vezes, dá origem ao nascimento de novas redes de oposições.

A classe do Nome, para quase metade dos gramáticos, aparece subdividida em duas subclasses principais, o nome Substantivo e o nome Adjectivo, pois a sua separação só ocorreu na primeira década do século XIX. As várias subcategorias dependentes do nome Substantivo e do nome Adjectivo são estabelecidas com base no critério semântico e no critério formal, mas, por sobre as classificações formais, vislumbra-se um recurso ao significado. Neste contexto, o critério semântico, embora coexista ao lado de outros critérios, é o pilar fundamental em que assentam as diversas classificações da categoria nominal, constituindo um indicador de que a língua é um reflexo imediato da

realidade, isto é, a grande maioria dos gramáticos estabelece uma relação directa entre a palavra e o referente real.

Hoje, a classe do nome, ao reproduzir o mundo extra-linguístico, corporiza esta interrelação e assume-se, inquestionavelmente, como um elemento linguístico, enquadrando-se na corrente convencionalista e logicista que preexiste ao sistema das partes do discurso. A sua inserção em todos os modelos classificatórios, associada ao seu considerável espaço textual e ao facto de ser o elemento inaugurativo do *continuum* formado pelo sistema das *partes orationis*, sinaliza o seu representacionalismo: a situação privilegiada que mantém no quadro das classes de palavras. No entanto, a relevância apontada é proporcional à sua complexidade, que se enraíza na divisão do nome em várias subclasses e na dificuldade que preside à sua delimitação.

Em jeito de conclusão, podemos referir que, no concernente às definições da classe nominal, embora se verifiquem mudanças terminológicas e se introduzam novas subclasses, as principais marcas definitórias da categoria em apreço permanecem imutáveis. Esta constância vem confirmar a tese, já indiciada, de que a linha diacrónica da classe do nome, apesar de acusar ligeiras oscilações, não apresenta diferenças acentuadas, ou seja, as características distintivas desta categoria resistiram ao desgaste cronológico.

A classe do Nome apresentou no decurso dos séculos algumas vicissitudes como vimos; no entanto, não pode fazer-se uma leitura hodierna desta classe esquecendo os cinco séculos da sua história linguística, pois algumas das marcas definitórias da classe do Nome continuam inalteradas passado todo este tempo.

Referências bibliográficas:

- Argote, Jeronymo Contador de. 1725. *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza*. Lisboa, Officina de Mathias Pereira da Silva & João Antunes Pedroso [1ª edição 1721].
- Asencio, José J. Gomes. 1985. Subclasses de palabras en la tradición española 1771-1847. Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca.
- Aulete, F. Júlio Caldas. 1874. *Grammatica Nacional*. Lisboa, Livraria de A. M. Pereira - Editor, 8ª edição [1ª ed. 1860].
- Azevedo, Domingos de. 1880. *Grammatica Nacional*. Lisboa, (s. Ed.)
- Barros, João de. 1971. *Grammatica da Lingua Portuguesa*. [Introdução e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu]. Lisboa, Publicações da Faculdade de Letras.

- Bechara, Evanildo. 1999. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Brozas, Franciso Sánchez de las. 1976. *Minerva*. Madrid, Cátedra.
- Casimiro, João Joaquim, 1792. *Methodo grammatical resumido da lingua portugueza*. Porto, Officina de Antonio Alvares Ribeiro.
- Coelho, Adolpho. 1891. *Noções Elementares de Grammatica Portuguesa*. Porto, Lemos & C.^a - Editores.
- Dias, A. Epiphany da Silva. 1881. *Grammatica Portuguesa Elementar*. Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz - editores, 4^a Edição Revista [1^aed.1876].
- Ferreira, Francisco Soares. 1819. *Elementos de Grammatica Portuguesa*. Lisboa, Impressão Régia.
- Figueiredo, Pedro José de. 1799. *Arte da Grammatica portugueza, ordenada em methodo breve, facil e claro, offerecido a sua alteza real o sr. D. Antonio, principe da Beira..* Lisboa, Regia Oficina Tipographica.
- Fonseca, Pedro José da. 1799. *Rudimentos da Grammatica portugueza, commodos á instrucção da mocidade, e confirmados com selectos exemplos de bons auctores*. Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Leite, Francisco José Monteiro. 1882. *Nova Grammatica Portuguesa*. Porto, Livraria Portuense de Clavel & C.^a.
- Lobato, Antonio Jose dos Reis. 1770. *Arte da Grammatica da lingua portugueza. - composta e offerecida ao II.mo sr. Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquez de Pombal*. Lisboa, Reg. Officina Typografica.
- Oliveira, Fernão de. 2000. *Grammatica da linguagem portugueza*. [Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção] Lisboa, Academia das Ciências.
- Roboredo, Amaro de. 1619. *Methodo grammatical para todas as linguas*. Consta de tres partes: 1^a Grammatica exemplificada na portugueza e latina; 2^a. Cópia de palavras exemplificadas na latina; 3^a. Phrase exemplificada na latina. Lisboa, Pedro Craesbeek.
- Silva, Antonio de Moraes. 1806. *Epitome da Grammatica da Lingua Portuguesa*. Lisboa, Off. de Simão Thadeo Ferreira.
- Souza, Manoel Dias de. 1804. *Gramatica Portuguesa*. Coimbra, Real Imprensa
- Vaquera, Maria Luisa Calero. 1986. *História de la Gramática Española (1847—1920), de A.Bello a P. Lenz*. Madrid, Editorial Gredos.